

MASSACRE NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: RELAÇÃO *BULLYING* E SUICÍDIO

BARBOSA, Érica Fernanda.¹
GHISLANDI, Dayane Cristina.²
MEDEIROS, Vagner Marchezoni.³

RESUMO

O fenômeno conhecido como *Massacre em Escolas* vem chamando a atenção da mídia brasileira e das pesquisas em psicologia ao falar sobre adolescentes, alunos e ex-alunos, armados, que invadem escolas e provocam um tiroteio em massa. Para esse estudo foi realizada uma revisão sistemática da literatura por meio do acesso aos periódicos online Scielo, Bvs e Pepsic, na busca de artigos que apresentassem relevância e proximidade com o tema a ser pesquisado, selecionado a partir de descritores. Após a leitura dos artigos encontrados, foram identificados 14 que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão, os quais foram utilizados na análise. Os resultados encontrados expõem e destacam como o *massacre em escolas* no Brasil apresentam fatores relacionados ao desenvolvimento do adolescente; protagonista dos massacres; em seu contexto social, e nos revelam a importância de como o ambiente familiar, a violência, a mídia e a interação com os colegas de escola possuem participação na ocorrência dos massacres.

PALAVRAS-CHAVE: Tiroteio em escola, *Bullying*, Suicídio.

1 INTRODUÇÃO

As escolas brasileiras, nas últimas três décadas, têm se tornado um palco de inúmeros conflitos entre os alunos, grande parte adolescentes em conflitos psicológicos, tendo em vista que os números de episódios desses conflitos publicados pela mídia também aumentaram intensamente, de modo que a agressividade e a violência no âmbito escolar parecem já ter se tornado um tema banal. Tais conflitos psicológicos entre alunos aparecem em fenômenos como o *Bullying* e a agressão aos outros e a si próprio e atentados em massa. São estes últimos que levaram aos questionamentos deste artigo em relação aos condicionantes que poderiam estar colaborando para a ocorrência desses fenômenos, os quais, se identificados poderiam oferecer algumas possíveis explicações sobre o que estaria na base das motivações de tais atos.

Neste sentido, o objetivo da presente pesquisa concentrou-se em analisar o fenômeno específico dos massacres cometidos por alunos e ex-alunos em escolas brasileiras, buscando investigar e compreender eventos como esses ocorridos em escolas do Brasil a partir do levantamento da literatura mais recente relacionada aos fenômenos do *Bullying* e do suicídio, bastante associados ao massacre em escolas.

O interesse das autoras surgiu a partir do recente massacre ocorrido na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano, no Estado de São Paulo, que se assemelha a vários outros tiroteios que aconteceram em outras escolas como o massacre de Realengo, Colégio Goyases, Massacre de Taiúva em São Paulo, escola Professora Alcina Dantas Feijão, no município de São Caetano do Sul (SP), bem como outros dois casos ocorridos em Salvador e João Pessoa. Assim o estudo foi proposto na expectativa de poder identificar as semelhanças entre os casos de massacres em escolas do Brasil, especialmente, no que tange às tentativas de explicações que consideram o *Bullying* e o suicídio entre as motivações para os atos levando a considerar o fator psicossocial e o impacto psicológico frente às questões de *Bullying*. A hipótese é de que a ocorrência dos massacres está diretamente ligada ao *Bullying* e ao suicídio que levam a conflitos psicológicos internos no aluno e ex-aluno, que remetem às questões ligadas à constituição do sujeito, tais como as relações familiares deficitárias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na proposta desta pesquisa está tematizada a relação entre dois conceitos importantes para psicologia, o *Bullying* e o Suicídio, que merecem uma conceituação teórica preliminar. Para tanto, neste primeiro momento dedica-se a caracterizá-los, a começar pelo *Bullying* e, em seguida, o Suicídio. Ao final, tem-se o modo que estes dois fenômenos se articulam no contexto escolar, o que constitui, como já mencionado, o centro de atenção desta proposta de revisão sistemática bibliográfica.

Primeiramente, é essencial ressaltar que a Constituição Federal brasileira de 1988, em seu artigo 1º, inciso III, reconhece que a dignidade da pessoa humana é fundamento de um Estado Democrático de direito, colocando o ser humano ao centro de ordenamento jurídico, passando a proteger o indivíduo e garantindo o usufruto de uma vida com integridade. Nos princípios constitucionais, portanto, a vida é um direito fundamental, sendo o *Bullying*, uma das formas que fere esse direito de dignidade do sujeito, e de modo a combater o *Bullying*, em 2015, a nova lei do *Bullying* (lei 13.185/2015) veio para reforçar a prevenção e conscientização por meio das leis (13.663/2018 e 13.185/2015) que têm o objetivo de reforçar a conscientização e prevenção do *Bullying*.

Na literatura, o fenômeno *Bullying* é comumente encarado como uma violência, sendo definido como uma forma de agressão em que um ou mais indivíduos sofrem violência física, psicológica ou social, repetidamente, por um longo período de tempo causando dor e angústia. O

entendimento mais comum é que o *Bullying* jamais deve ser negligenciado ou visto como uma brincadeira de criança e ou adolescente, sob o argumento de que caso não for tratado como um comportamento antissocial e ofensivo suas consequências repercutirão na vida adulta (ZAINÉ ET AL, 2010).

De acordo com Zaine e outros (2010), são várias as formas de violência que constituem o fenômeno *Bullying*, que se caracteriza sempre por uma relação de desigualdade de poder entre o agressor e a vítima. Intimidar, xingar, agredir, perseguir, ameaçar, ofender, discriminar, humilhar, excluir do grupo, mentir, espalhar boatos ou, até, assédio sexual, são alguns exemplos de comportamentos físicos, verbais, psicológicos e sexuais do ato *Bullying* (MC GRATH, 2007).

De acordo com a moral Kantiana, a dignidade consiste na admissibilidade da coisificação do ser humano, porque o homem não é e nem pode ser considerado um meio; ele é um fim em si mesmo. Esse é o imperativo categórico, no qual Abreu (2009) recorre a Kant e nos traz que a dignidade da pessoa humana como princípio supremo da moralidade, segundo o qual todos são obrigados a tratar os outros como gostariam de ser tratado.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990), aprovou diversas garantias e medidas protetivas, tendo como propósito assegurar um desenvolvimento sadio aos infanto-juvenis. O comportamento agressivo e discriminatório do *Bullying* atinge e atenta contra o respeito e a dignidade de suas vítimas, afrontando o artigo 5º do Estatuto: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.” (BRASIL, 1990).

Embora seja um fenômeno que possa ocorrer em qualquer ambiente, o *Bullying* é muito presente no espaço escolar, lugar que se tem mostrado propício para o seu aparecimento; Segundo relatório Internacional da Saúde Mental, cerca de 11% das crianças em escolas sofrem esse tipo de abuso de uma forma severa; já em uma pesquisa realizada pela Agência Brasil, em 2015, que relatava dados de adolescentes de 15 anos de todo o Brasil, aponta que 17,5% dos alunos sofrem algum tipo de *bullying*; por meio de violência física ou psicológica; cerca de 7,8% afirmam que são excluídos pelos colegas de escola; 9,3%, são alvo de piadas que resulta em conflitos psicológicos; 4,1%, sofrem algum tipo de ameaça; 3,2%, já foram agredidos fisicamente. Outros 5,3% de adolescentes disseram colegas destroem seus materiais. Com base nos relatos dos estudantes, 9% podem ser classificados como vítimas recorrentes de *Bullying*, e são os que estão no topo do indicador de agressões e os mais expostos a essa situação de violência nas escolas (TOKARNIA, 2017). A agressividade entre os

jovens, no contexto escolar, vem se constituindo como um problema central que tem a atenção da mídia, de pesquisadores e das autoridades, devido ao fato de que na América Latina os casos de violência nas escolas têm aumentado, bem como os de *Bullying*. Eles são apresentados, diariamente, em jornais e em revistas, seguindo o viés de que o aluno inserido no meio escolar será sempre incentivado a competir e se auto comparar com os padrões preestabelecidos pela modernidade, seguindo o modelo competitivo das sociedades capitalistas, muitas vezes, usado pelos educadores para despertar motivações e interesses nos alunos (LISBOA ET AL, 2009).

Segundo uma avaliação dos estudos nacionais, é possível identificar que o *Bullying* tem maior incidência nos anos iniciais do ensino fundamental, o que não quer dizer que isso não ocorra em outras situações como, por exemplo, no ensino médio, na educação infantil e, até mesmo, no ensino superior. A relação com o *Bullying* pode acontecer por diversos meios: autor, vítima e espectador. Destaca-se que todas as situações podem ocasionar efeitos futuros, especialmente negativos. (LEMOS et al, 2018).

De acordo com Neto e Aramis (2005), a escola é de grande importância para as crianças e os adolescentes, entretanto há os que não gostam dela, os quais têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, demonstrando comportamentos de insatisfação com a vida e com o desenvolvimento acadêmico. As relações interpessoais positivas favorecem uma relação afetiva na convivência social, o que faz com que os estudantes que adquirem esse apoio tenham maior possibilidade de alcançar um nível de aprendizado escolar, intelectual e emocional. Desse modo, a afeição pelos colegas de sala é fundamental para o desenvolvimento da saúde da criança e do adolescente.

HANSEN (et al, 2012), alerta que é necessário resgatar a subjetividade e a alteridade e, assim, identificar os motivos que encaminham às práticas de desconstrução do outro que são capazes de inviabilizar a infância e adolescência conforme os princípios morais exigido pela ordem constitucional. A escola, para o autor, é um dos ambientes responsáveis e, também, vocacionado para a construção de um comportamento voltado para edificação de pessoas, essas comprometidas com a realização de algum bem social que vem contribuir para um espaço decisivo na construção da educação.

2.1 SUICÍDIO

O Suicídio é um fenômeno complexo e não pode ser explicado por uma única causa ou estressor. Conforme a Organização Mundial da Saúde (2012), ele ocorre em razão de fatores sociais, culturais, biológicos, ambientais e psicológicos. O ato é considerado um problema de saúde pública que afeta o mundo todo, sendo a terceira maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Além disso, para cada suicídio existe muitas outras tentativas que são realizadas (WHO, 2017). Estudar a epidemiologia, que é a distribuição e os determinantes de um agravo, doença ou evento de saúde, é importante para que exista uma base de dados (WOODWARD, 2014).

O Ministério da Saúde (Brasil, 2017) publicou um Boletim Epidemiológico em que foi feito um estudo descritivo do perfil dos indivíduos que tentaram suicídio e dos que vieram a óbito entre 2011 a 2016. Nesse período, foram 176.226 casos de violência autoprovoçada. Considerando esse tipo de violência, ocorreram 48.204 (27,4%) casos de tentativa de suicídio. Segundo o *Sistema de Informação sobre a Mortalidade*, no Brasil o suicídio é a quarta maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, em média, por ano, 11 mil pessoas tiram a própria vida.

Fatores de risco são aspectos da vida do indivíduo que, de acordo com evidências epidemiológicas, estão associados a uma condição de saúde que deve ser prevenida (Ministério da Saúde, 2017). Sendo assim, conforme dados da OMS (2000), há uma taxa alta de suicídio entre jovens de 15 a 19 anos, logo a prevenção do suicídio em escolas se torna uma alta prioridade. Fatores de risco como: transtornos psiquiátricos presentes em crianças e adolescentes e eventos de vida negativos (como dificuldades nas relações familiares; separação de amigos/namorados; morte de pessoas amadas ou significativas; conflitos ou as perdas interpessoais; opressão pelo seu grupo de identificação ou comportamento autodestrutivo para aceitação no grupo; opressão e vitimização; fracasso nos estudos, entre outros) atuam como desencadeadores do comportamento suicida (OMS, 2000).

2.2 RELAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA, *BULLYING* E O SUICÍDIO NAS ESCOLAS

Como apresentado acima, o *Bullying* (do inglês *Bully*, valentão) é o ato de um comportamento agressivo onde uma ou mais pessoas tentam prejudicar ou machucar, intencionalmente, alguém. Ele leva à vitimização do outro, seja ela física ou psicológica, o que pode resultar em boatos e exclusão. Esse comportamento é manifestado por atos repetidos de opressão, discriminação, xingamentos, chacotas (MALTA, et al 2014).

Conforme Albino e Terêncio (2012), um dos primeiros casos com repercussão internacional sobre o *Bullying* aconteceu na Noruega, em 1983, quando três adolescentes que sofriam *Bullying* de colegas acabaram cometendo suicídio. O caso chamou a atenção do Ministério da Educação daquele país, que iniciou uma campanha nacional contra o *Bullying* escolar.

Nos EUA, atos de extrema violência, sobre os quais há fortes indícios de motivação por *Bullying*, passaram a ser noticiados com frequência. Em 1999, dois adolescentes foram responsáveis por um grande massacre no Instituto Columbine do Estado do Colorado. Eles mataram a tiros 13 pessoas e deixaram mais 21 feridos, para então cometerem suicídio. Há relatos de que ambos não eram bem quistos na escola: sofriam ridicularizações e arquitetavam planos de vingança, os quais foram publicados em um blog na internet (ALBINO E TERÊNCIO, 2012, p.3).

Analisando o caso de *school shooting*, em Columbine, Vieira, Mendes & Guimarães (2009) sugerem que houve ausência de pais atuantes e reflexivos no cotidiano dos jovens atiradores. De acordo com uma pesquisa efetuada por Pinheiro e Williams (2009), os alunos que vivenciaram violência doméstica tinham maior probabilidade de se envolver em situações de intimidação na escola, principalmente como alvos/autores. Os estudos confirmam também a prevalência da violência familiar entre alunos que são exclusivamente autores de *Bullying*. Por outro lado, parece que as famílias dos alunos exclusivamente alvos de *Bullying* tendem a ser superprotetoras, principalmente, as mães, que costumam apresentar um monitoramento excessivo e intrusivo em relação às atividades dos filhos.

Essa situação, conforme Albino e Terêncio (2012), é confirmada pela clínica psicanalítica de crianças e adolescentes vítimas de *Bullying*, os quais demonstram ser socialmente inibidos, passivos e vulneráveis, justamente em virtude das relações familiares muito protetoras.

A presença do *Bullying* na vida da vítima provoca o aparecimento de manifestações e de efeitos negativos, tanto a curto quanto a longo prazo. A curto prazo, pode ocasionar a presença de distúrbios físicos e psicológicos; a longo prazo, parece estar relacionados os comportamentos violentos e a presença de problemas criminais na vida adulta (ESPERON, 2004; ALMEIDA, SILVA e CAMPOS, 2008).

Para os agressores pode haver consequências como, por exemplo, não saberem lidar com as situações de conflito e serem pessoas que utilizam a violência para conseguir algo. E, também, poderão ter na vida adulta comportamentos antissociais, de criminalidade, abuso de substâncias aditivas, porte de arma de fogo, brigas de rua, entre outros comportamentos negativos (SILVA e VINHA, 2011; PICADO, 2009; FREIRE, FERREIRA, e SIMÃO, 2006; ROLIM, 2008).

As vítimas de *Bullying* podem indicar sinais no ambiente escolar, como a falta de vontade e o medo de ir à escola, sentir-se mal ao ir ou mudar o caminho, não querer ir sozinho, chegar com roupas ou livros rasgados e ou manchados, ficar calado, angustiado, ansioso, deprimido, e não falar sobre o assunto (ALMEIDA, SILVA E CAMPOS, 2008).

No mundo, já ocorreram vários casos em que as vítimas de *Bullying* na infância cometeram crimes e, logo após, suicidaram-se, tendo como exemplo mais conhecido o caso de Columbine, citado acima (VIEIRA, MENDES E GUIMARÃES, 2009). Segundo Lisboa (et al 2009), as vítimas/agressoras também apresentam relações conturbadas com os pais ou com os grupos de outras crianças, apresentando mais sintomas depressivos, relatando sintomas físicos e psicológicos.

Já conforme Katz (2017), os agressores que se propõem a realizar os massacres querem, na verdade, negar um lado específico das suas identidades, quando nos atos agressivos procuram destruir a maneira como foram rotulados sem desenvolverem um ‘self’ que transcenda a esse evento. Eles desejam destruir a pessoa que os outros assumiram como sendo eles próprio, sendo o projeto do massacre uma forma comprometida de suicídio.

As escolas são lugares poderosos que conferem identidade. Suas justificativas pedagógicas falam em cultivar talentos e no amor pela aprendizagem: ou seja, mudar o indivíduo de dentro para fora. Mas suas táticas trabalham de fora para dentro. De certa forma, não é misterioso o porquê alguém deveria atacar promiscuamente a população de uma escola, a fim de negar a maneira que sente que o lugar o tem personificado, do que compreender como as realizações das equipes de uma escola poderia ser celebrada com profunda paixão pelo *corpo estudantil*. Para um atirador em uma escola, as indignidades sofridas nas mãos de alguns poucos são sentidas como representando o conjunto de como todos o vêem (KATZ, 2017, p. 32).

Katz (2017), defende ainda que só o *Bullying* não faz sentido em relação à indiferente escolha das vítimas, como em alguns casos em que eram os atacantes que foram os valentões. Sendo assim, o *Bullying* pode ter servido, para o autor, como um catalisador, mas a provocação estava enraizada na compreensão do indivíduo, de como ele é visto na sociedade ou naquele ambiente. O autor ainda afirma que os massacres são autodestrutivos, um meio do suicídio, que suprime qualquer possibilidade de construção de uma identidade futura. Aqueles que atacam, normalmente, fazem pouco ou nenhum esforço para escapar e, cada vez mais, fazem referência aos outros atiradores escolares nos escritos que deixam e nos *sites* que visitam.

Sendo assim, Katz (2017) define que os massacres dizem respeito sobre como alguém foi visto pelos outros. Na visão do autor, os ataques são maneiras de tornar o suicídio respeitável. Para

ele, o 'self' é sacrificado não como uma confissão de fracasso, mas sim como o custo patético de acabar com um tratamento injusto.

De modo a intervir nessas situações de *Bullying*, o psicólogo escolar vem tomando novas direções e se comprometendo com o aspecto social. Se antes a psicologia nas escolas estava ligada a um aspecto clínico frente aos transtornos de aprendizagem, déficits nos comportamentos e psicopatologias, atualmente sua atuação está em identificar as necessidades e possibilidades de aperfeiçoamento para as relações sociais entre alunos nas escolas. A escola, por ser uma instituição, reflete diretamente na organização social, em como os alunos participam e são inseridos e influenciados por esse contexto. Quando as relações são afetadas por comportamentos violentos e atos de *Bullying*, o papel da psicologia assume logo uma força de intervenção com foco em minimizar estas situações e o sofrimento da vítima. É importante que o psicólogo escolar conheça a realidade da escola e tome conhecimento sobre os problemas ali instalados a fim de caracterizar uma atuação preventiva e/ou interventiva (FREIRE e AIRES, 2012).

A intervenção do psicólogo escolar deve estar atenta a prevenção, de modo a levar questões frequentes de *Bullying* e violência para a sociedade, visto que as variáveis sociais e psicológicas (família, grupo de amigos, colegas, conflitos psicológicos) envolvidas no mal estar do adolescente podem vir a gerar violência, *Bullying*, as quais se apresentam nas instituições contra os outros alunos (CROCHIK, 2012). De fato, trabalhar com a sociedade, família dos alunos e com os próprios alunos podem levar a identificar fatores que estão envolvidos para a reprodução do *Bullying*. A inserção do psicólogo nas escolas é fundamental não apenas para trabalhar a questão de cognição e o desenvolvimento da aprendizagem, mas também trabalhar no desenvolvimento emocional desses alunos, a fim de reduzir taxas de *Bullying* e do próprio suicídio, realizar um trabalho preventivo pode incentivar a mudança de conduta nos adolescentes que praticam tais atos, bem como compreender quais fatores estão envolvidos na reprodução do comportamento violento reduzindo assim a intolerância, violência entre os alunos e possivelmente massacres em escolas (FREIRE e AIRES, 2012).

A tentativa e o suicídio mostram-se como sinal de alarme para as escolas, envolve questões de fracasso escolar, *Bullying*, pouca expressividade do desejo de viver frente a fatores que muitas vezes não ficam claros para outros profissionais que não sejam da saúde, a psicologia na escola vem para ampliar o conhecimento acerca da adolescência e as manifestações do suicídio e suas possíveis causas, vai além de um olhar patologizador, é compreender o adolescente e o que leva a destruição do seu self, e assim elaborar intervenções e prevenções, colaborando com o respeito ao próximo e

minimizando sofrimentos de alunos que sofrem com a violência na instituição escolar (TEIXEIRA, 2001).

3 MÉTODOS

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica assumindo uma revisão sistemática que, segundo Galvão e Pereira (2014), envolve uma ampla pesquisa a fim de coletar e trazer informações sobre o fenômeno a ser pesquisado. Essa revisão compreendeu as seguintes etapas: identificação do material (artigos nos periódicos online), seleção dos artigos por meio dos critérios de inclusão e exclusão e, por fim, a definição de quais artigos seriam analisados. Trata-se de uma revisão que teve como base os seguintes periódicos on-line: SciELO (Scientific Eletronic Library Online), Bvs (Biblioteca Virtual em Saúde) e Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia). Como busca dos artigos foram utilizados os descritores em português: “Bullying e massacres em escolas”, “massacres, suicídio e psicanálise”, “*Bullying* e suicídio” “*Bullying*, massacres em escolas, suicídio e psicanálise”, devido à recorrência do assunto em relação ao tema.

O recorte temporal para a seleção dos artigos foi entre 2000 a 2019, tendo em vista que a partir dos anos 2000 as publicações sobre violência, *Bullying*, *suicídio* e *massacre em escolas* foram mais frequentes devido ao massacre em Columbine (EUA) em 1999. Todo o levantamento de artigos e seleção se deu no mês de maio de 2019. A *tabela 1* apresenta os artigos encontrados identificados, os periódicos consultados, ao final, o número de 31 artigos científicos foi encontrado.

Na fase de seleção dos artigos, foram lidos 31 artigos completos e excluídos 17. Na fase de seleção, os seguintes critérios de exclusão foram utilizados: (A) artigos duplicados, (B) não estava de acordo com a proposta do artigo, (C) não estava disponível na plataforma on-line ou não estava disposto na íntegra. Após a leitura e separação dos artigos, deu-se início a revisão sistemática.

Tabela 1

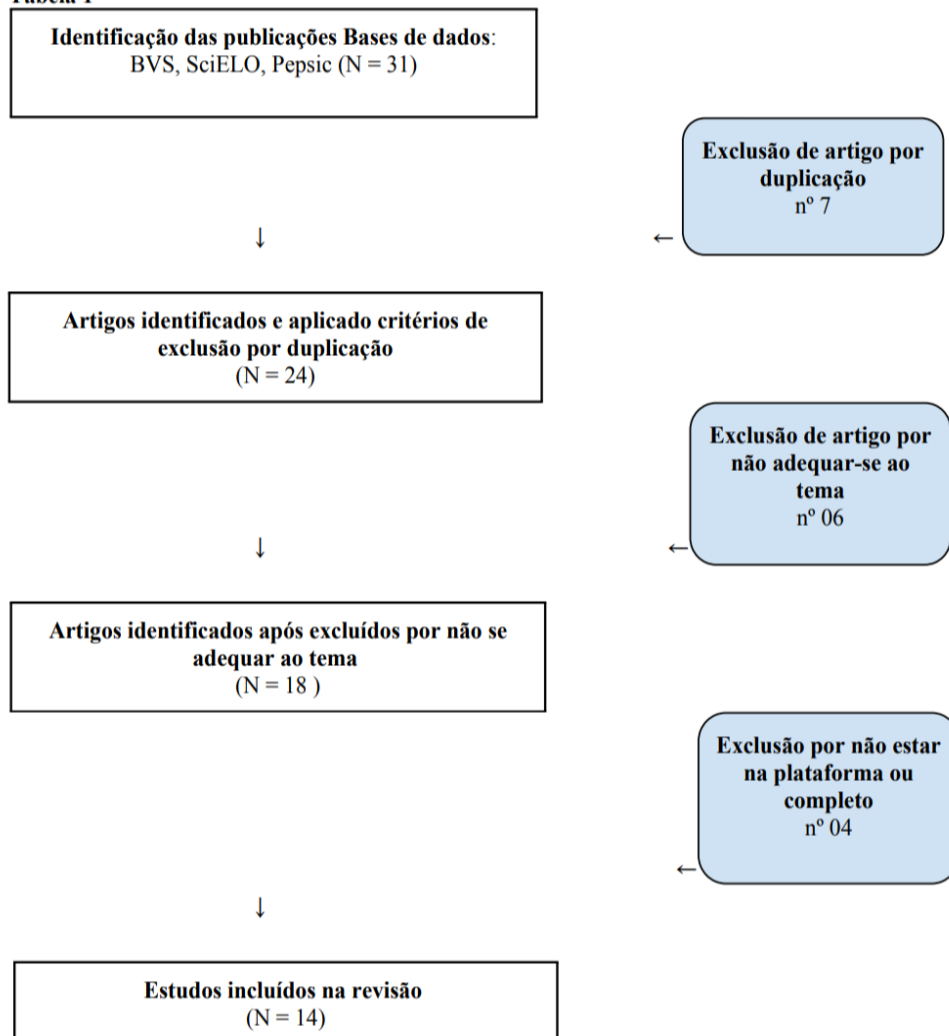


Figura 1. Fluxograma das principais etapas da revisão bibliográfica sistemática

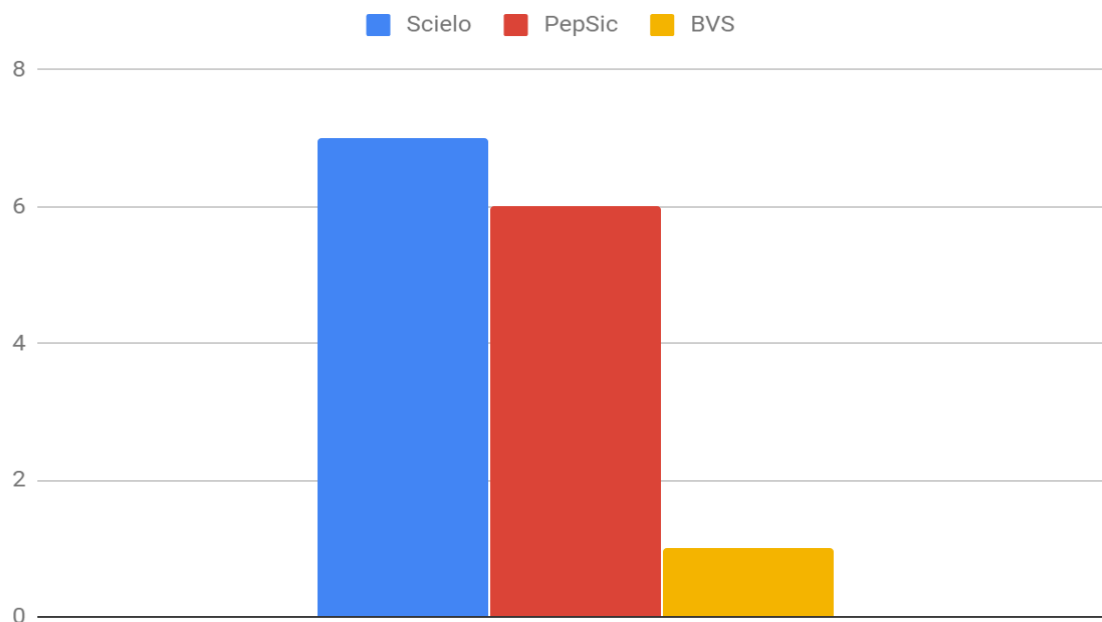
A Tabela 1 apresenta o fluxograma seguido para a identificação e seleção dos artigos para a revisão sistemática sobre o tema *massacre em escola* no Brasil. No total, 14 artigos foram analisados nesta pesquisa.

4 RESULTADOS

Os 14 artigos identificados após aplicados aos critérios de inclusão e exclusão foram analisados e separados em 3 categorias de classificação: 1. Bullying e massacre; 2. Dinâmicas familiares; e 3. Suicídio e transtornos mentais. A data de retalho para a separação dos artigos obedeceu a regra de estar disponível nas datas de 2000 a 2019 compreendendo, assim, o primeiro massacre em Columbine (EUA) e o último em Suzano (Brasil), sendo a base estar disposto nas plataformas SCielo, BVS e

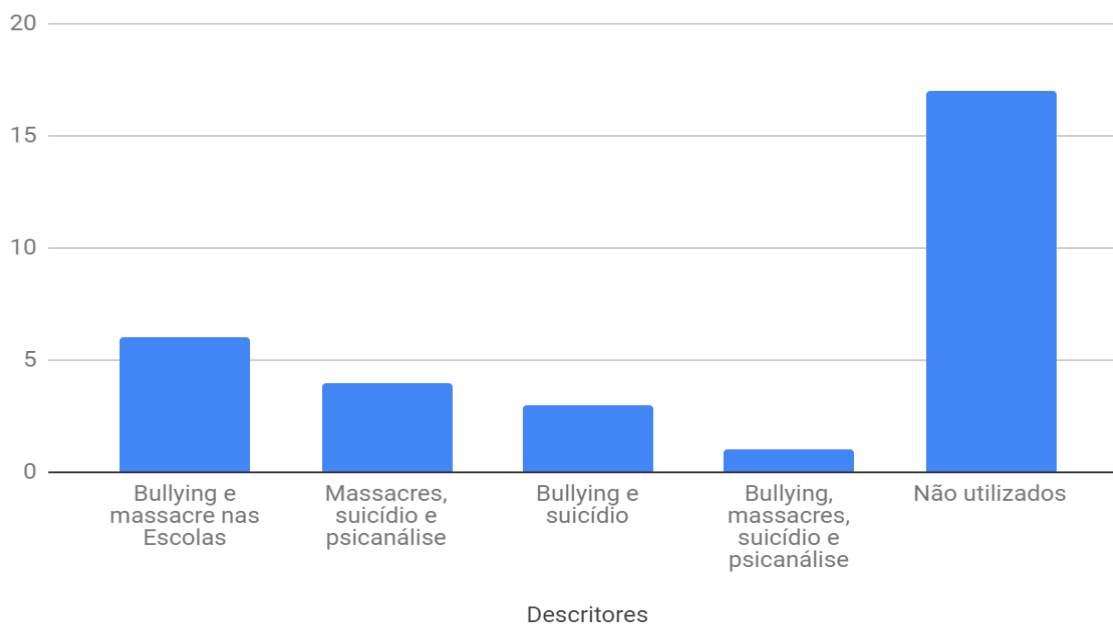
PepSic. Com base nos periódicos on-line, foram encontrados 7 artigos na Scielo, 6 no PepSic e 1 no BVS. Como exemplifica a *tabela 2* abaixo.

Tabela 2



Em relação aos descritores, foram utilizados os seguintes: “Bullying e massacres em escolas”, “massacres, suicídio e psicanálise”, “*Bullying* e suicídio” e “*Bullying*, massacres em escolas, suicídio e psicanálise”. Foram encontrados, conforme descritores, resultados na *tabela 3*.

Tabela 3



5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como já mencionado, para a discussão dos resultados os artigos encontrados foram organizados em três grandes grupos: o primeiro reúne os artigos sobre *Bullying* e o sentimento de vingança observado em autores de massacres; o segundo reúne os artigos sobre a importância de fatores ligados à dinâmica familiar, e o último reúne o suicídio e o transtorno mental pensado a partir da problemática do *Bullying*.

5.1 O BULLYING E A VINGANÇA ENTRE OS AUTORES DE MASSACRES EM ESCOLAS

Um dos autores encontrados que aborda esta temática é Rodrigues (2012), que afirma que o *Bullying* pode gerar diversos fatores de risco como o envolvimento com drogas, comportamentos violentos e transtornos mentais, como a depressão, o estresse pós-traumático e as condutas antissociais. O autor ainda aponta que o *Bullying* tem aumentado nas últimas décadas e estado lado a lado com a violência que ocorre nas escolas. Nos artigos analisados por ele, o *Bullying* é um dos principais fatores em comum entre os adolescentes que cometem o assassinato em massa nas escolas, isso devido a um sentimento de vingança, no qual 87% dos atiradores já sofreram algum tipo de *Bullying*.

Coutinho e Freitas (2014), corroboram com os dados de Rodrigues e afirmam que os massacres que ocorreram ultimamente têm ligação com o fenômeno conhecido atualmente como *Bullying*. Em relação ao fenômeno do *Bullying*, o autor afirma perceber outros fatores envolvidos, como no massacre de Realengo, em que estão envolvidos os modelos parentais punitivos e negligentes, exposição do adolescente à violência, contextos de marginalização (inclusive aqui, humilhações, abandonos e isolamentos) os quais podem estar diretamente associados aos eventos de *school shooting* (tiroteios na escola) protagonizados por adolescentes com elevado grau de suicídio devido aos fatores que vivenciam de forma direta.

Outro artigo encontrado foi o de Menegotto (et al, 2013). Nele, é apontado que o *Bullying* está diretamente ligado, também, ao suicídio. Para o autor, as vítimas que buscam vingança na escola pelo ocorrido, em 78,8% dos casos, apresentam problemas de saúde e uma tendência maior para o suicídio. Já para Paton (2015), essas variáveis explicitam que, diante da personalidade dos assassinos, é possível verificar os seus problemas psicológicos devido ao *Bullying*, ato do qual teriam sido vítimas primeiramente.

Ainda no que tange aos efeitos do *Bullying*, no artigo de Santos e Kienen (2014) é abordada a relação entre *Bullying* e indicadores de saúde psicossocial. Os autores concluem ser a depressão e os atos antissociais comuns entre as vítimas de *Bullying* em que, após casos extremos desse tipo de violência, os alunos atiraram com arma de fogo contra seus colegas de escola e professores e, posteriormente, cometeram suicídio. Por fim, Daemon (2015) também aponta que as vítimas de *Bullying* são motivadas por desejo de vingança como, por exemplo, o caso de um jovem sul-coreano, de 23 anos, que realizou, numa universidade, um massacre que ficou conhecido como o “Massacre de Virginia Tech”. O jovem enviou para um canal de tv fitas que continham o motivo do crime, entre eles ser vítima de *Bullying*. O meio de divulgação do motivo do massacre fez com que outros adolescentes praticassem o mesmo crime, pelos mesmos motivos, e, após o ato, cometessem suicídio.

5.2 A DINÂMICA FAMILIAR

Alguns autores trouxeram a importância da dinâmica familiar. Entre eles, Cunico (et al, 2014) aponta a importância da família na questão da proteção do adolescente que sofre *Bullying* nas escolas, tomando-a como base para a proteção, a segurança e o desenvolvimento físico emocional. Para o autor, quando a família negligencia o adolescente, ela não oferece suporte às suas demandas, contribuindo para que esse passe a buscar em grupos de risco e em atos delinquentes um modo para suprir as suas demandas. Ademais, o artigo aponta que o ambiente familiar serve como catalisador de sintomas nos contextos em que se reina a violência doméstica e a falta de afeto, considerando que nesses casos ocorre a tendência a uma manifestação antissocial que pode ocorrer após uma privação (não uma simples privação) na vida da criança e do adolescente. Dá-se a perda de algo considerado bom na família como a perda do amor da mãe e/ou do pai; a infração cometida pelo adolescente pode vir a representar a denúncia da ausência do pai simbólico.

Para Gurski (2010), a visão que se tem da família nuclear está acabando, pode-se dizer que há uma dissolução do grupo familiar. Para o autor, isso que ele chama de “dissolução da família e da função materna e paterna” está diretamente ligado ao que ele denomina de “uma nova economia psíquica”, em que os adolescentes não “sabem mais o que desejar, pois buscam a satisfação imediata de um prazer maximizado em que não sobra espaço para a tolerância às frustrações” (p. xxx). Além disso, para outro autor, Lopes (2012), muitos adolescentes possuem pais ausentes e/ou pais que possuem outra família e/ou que acabam abandonando a família, deixando o adolescente à mercê da

falta de simbolização de uma figura paterna, bem como considerando que ele não é digno do amor do pai e, com isso, os conflitos mentais intensificam-se.

Diante desses conflitos, Coutinho e Freitas (2014) abordam que lidar com a rejeição e com o *Bullying* em meio a uma família estruturada de forma a não prover a segurança necessária ao filho, isto é, que não se importa com seus conflitos, parece ter relação direta com a ocorrência dos massacres escolares. Como meio de lidar com o *Bullying*, com raiva de si próprio e do mundo, raiva por seus colegas terem uma vida melhor, os adolescentes que cometem esses atos deixam claro que “odiavam suas vidas”. Os autores consideram que os adolescentes estavam desesperados e deprimidos a ponto de desejar a própria morte, bem como ter depressão, sede de vingança e tendência suicida, além de dificuldades em lidar com perdas e frustrações, e relataram ter sofrido perseguições.

Por fim, para Vieira, Mendes & Guimarães (2009), o ambiente familiar desses adolescentes costuma ser repleto de problemas, geralmente, apresentados na infância e na adolescência, podendo persistir nesta última fase e na vida adulta e isso reflete, para o autor, em como os adolescentes cada vez mais estão sozinhos e despreparados para lidar com a perspectiva de futuro, frustrações, *Bullying* e que os pais possuem grande participação nesse processo.

5.3 O SUICÍDIO E OS TRANSTORNOS MENTAIS

Num último grupo de artigos, Rodrigues (2012) e Menegotto (et al, 2013) abordam que os adolescentes que atiram em colegas de escola exibem uma ligação direta com o *Bullying*. O *Bullying* é introjetado no adolescente e isso oportuniza sequelas e conflitos psíquicos, estando associados, portanto, com o suicídio que advém, também, de como a violência contra esses adolescentes nas escolas preconiza transtornos mentais que levariam aos conflitos como: depressão, ansiedade, comportamento antissocial e transtorno de conduta que, por sua vez, reflete na conduta vingativa desses adolescentes por terem sofrido e ninguém como, por exemplo, familiares e diretores da escola, ter dado importância.

Kuczynski (2014) aponta uma outra questão, a ligação entre o suicídio, o *Bullying* e os massacres de estudantes em escolas sobre influência após a exposição aos programas violentos da televisão e aos ambientes inadequados que favorecem o desenvolvimento de patologia. Não se trata, para o autor, apenas de apontar a família e a escola como fatores que contribuem para o fenômeno em si, mas sim como o adolescente vive e deixa de lidar com questões que o trazem sofrimento (Kuczynski, 2014).

Santos e Kienen (2014) escreveram um artigo no qual mostram que o desfecho desses massacres que atingiram muitos estudantes torna visível que o sofrimento das vítimas (nesse caso do massacre em si) é o notado, que foram pessoas que perderam suas vidas por um “monstro”, esse que ninguém parou para avaliar quem era e por quais situações passou. Os autores consideram ser necessário olhar para esses massacres e avaliar como o *Bullying* e o suicídio acometem o adolescente e quais são os motivos que o leva a cometer tal ato. Santos e Kienen (2014) afirmam notar que as questões familiares, a violência, o *Bullying*, a perspectiva sem futuro de vida e os transtornos mentais são os principais eliciadores para o ato. Entretanto, chamam a atenção para o fato de ser preciso olhar além disso e verificar qual é a população atingida, qual é o impacto devido a desigualdade social sofrida e quais são os conflitos psicológicos que estariam envolvidos. É um tema amplo e complexo que, para os autores, abre margens a novas pesquisas.

Por fim, um último artigo consultado escrito por Lemos e outros (2007) menciona que diante dos massacres escolares e com o alto índice de ligação com a violência em escolas, a palavra *Bullying* teve seu conceito difundido após o massacre que ocorreu em Columbine nos EUA em 1999. Hoje, a lei do *Bullying* (LEI Nº 13.185) é aplicada em quase todos os países do mundo, sendo a escola lugar de debate para que se previna tanto a violência contra as crianças e os adolescentes quanto o massacre que tem atingido altos níveis nos últimos anos como, por exemplo, o caso de Suzano, ocorrido em 2019, que gerou grande impacto no Brasil.

6 À GUIA DE CONCLUSÃO: A RELAÇÃO *BULLYING* E SUICÍDIO NO CONTEXTO ESCOLAR

Para finalizar este artigo, optou-se por retomar o propósito declarado em suas linhas iniciais para, enfim, tecer as considerações finais nesta tentativa feita de analisar o fenômeno dos massacres cometidos por alunos e ex-alunos em escolas brasileiras, em que por meio de uma pesquisa bibliográfica buscou-se investigar e compreender os eventos ocorridos nos massacres nas escolas do Brasil a partir da literatura mais recente que relaciona os fenômenos *Bullying* e suicídio no contexto escolar.

Primeiro, é válido notar que um número importante de artigos foi encontrado. Um número suficiente para ofertar alguma explicação para o fenômeno e de forma a permitir alguns apontamentos.

No primeiro grupo de análise, foi possível notar que os artigos tratam o *Bullying* como fator predominante em relação ao fenômeno dos massacres. Fica evidente que a maior porcentagem de

adolescentes envolvidos em tiroteios em escolas foram vítimas de *Bullying*, o qual desenvolve uma conduta de vingança para realizar o ato. Rodrigues (2012), Menegotto (et al, 2013), Coutinho e Freitas (2014) e Daemon (2015) abordam que, de fato, os adolescentes que se envolvem em massacres em escolas o fazem por questões motivadas pela violência, pelos conflitos psicológicos e pela humilhação devido ao *Bullying*.

No segundo grupo de análise, os autores trouxeram questões em relação ao modo como a dinâmica familiar tem um impacto no desenvolvimento afetivo-emocional do adolescente. Para a psicologia a família ocupa papel central no desenvolvimento da criança e adolescente, é o primeiro movimento social no qual a criança e o adolescente está envolvido, e de fato famílias que apresentam negligência afetiva, violência em seu contexto, colaboram para que o adolescente venha a reproduzir a mesma conduta no ambiente social. Como aponta Cunico (et al, 2014), a família precisa desempenhar um papel de proteção, de segurança, pois caso eles falhem a violência que faz parte da conduta do adolescente envolvido em situações própria de violência escolar e *Bullying* mostra ser uma forma de denunciar a ausência do papel materno ou paterno. Lopes (2012) reforça essa hipótese da “falha” oriunda das funções da família na formação do sujeito, já que quando se estuda os adolescentes envolvidos nesses atos de violência o que se evidencia é o que o autor chama de uma “falta de simbolização de uma figura materna ou paterna”, em que o adolescente não se vê digno de amor. Isso levou ao último grupo de análise, em que os autores apontam que esses adolescentes elevam os seus conflitos desenvolvendo transtornos mentais e a ideação suicida.

No último grupo de análise, a questão do suicídio ganhou relevo a partir do fenômeno do *Bullying* no contexto escolar. Nos autores ali reunidos, apresentam-se questões como a humilhação, o fracasso e o baixo desempenho, vividos de uma forma em que eles (vítimas do *Bullying* ou autores dos massacres) seriam a parte perdedora da escola. A competição nas salas de aula torna-se papel fundamental para o início do *Bullying*. A vingança apresentada no primeiro grupo de análise é um fator primordial para os alunos expostos a esse contexto de violência. Menegotto (et al, 2013) e Kuczynski (2014) afirmam que adolescentes expostos a esse contexto têm mais chances de desenvolver patologias, as quais já seriam propícias a tentativas e ideações suicidas, bem como uma conduta vingativa por não terem alguém que se importe com eles.

Com isso, embora não possa ser considerado um estudo exaustivo, porque não abrangeu todas as bases de dados disponíveis que hospedam artigos no Brasil, é possível concluir que o massacre em escolas brasileiras possui, na visão dos artigos consultados, relação direta com as questões que envolvem o *Bullying* e o suicídio. Ademais, foi possível observar que dentro de cada fenômeno os

autores apontam para a existência de fatores que somam para essa conduta violenta. O papel da psicologia nas escolas é fundamental para trabalhar questões que envolvem o *Bullying* e sua relação com o suicídio, pois há vários fatores que influenciam na reprodução do *Bullying* e como cada adolescente vive seus conflitos psicológicos frente aos atos de violência na escola.

A partir dos dados recomenda-se, também, dedicação as novas pesquisas em relação ao tema proposto, articulando os impactos que cada fenômeno possui nos dias de hoje quanto aos motivadores identificados, como a dinâmica familiar, as relações sociais, os transtornos mentais, e a exposição ao material violento por meio das mídias, na reprodução de atos violentos como o massacre e como a psicologia poderia vir atuar para minimizar esses fatores.

Nesse sentido, é interessante observar, por exemplo, que o adolescente, geralmente um aluno ou ex-aluno, que comete o massacre passa a ser nomeado como um “monstro”, pois matou vários estudantes. Entretanto, será ele um “monstro” criado pela própria sociedade? Praticou o ato pela falta de afeto no contexto familiar, pelos preconceitos vivenciados, por ser a vítima do *Bullying*? Os pontos dessas indagações certamente não justificam o ato em si, porém, talvez, possam levar a um novo olhar psicológico sobre o fenômeno abordado, se houver a percepção da formação que se cria a partir do modo negligente e violento como os adolescentes são tratados.

REFERÊNCIAS

ABREU, N.R.; BALDANZA, F.R.; GONDIN, S.M.G. **Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual.** *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação Journal of Information Systems and Technology Management* Vol. 6, No. 1, 2009, p. 05-24. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jistm/v6n1/02.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

ALBINO, P.L.; TERÊNCIO, M.G. **Considerações críticas sobre o fenômeno do Bullying: Do conceito ao combate e a prevenção.** Porto Alegre: *Revista eletrônica do CEAf*; v.1, n. 2 maio, 2012. Disponível em:

www.mprs.mp.br/media/areas/biblioteca/arquivos/revista/edicao_02/vol1no2art4.pdf. Acesso em: 30 de março de 2019.

ALMEIDA, K.L.; SILVA, A.C.; CAMPOS, J.S. **A importância da identificação precoce da ocorrência do Bullying: uma revisão de literatura.** 2008. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/download/BULLYING/LEITURA%2011.pdf>. Acesso em: 30 de março de 2019.

BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. **Estatuto da criança e adolescente. ECA.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 20 de abril de 2019.

BRASIL. LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm Acesso em: 20 de abril de 2019.

BRASIL. (2017). **Boletim Epidemiológico. Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde.** Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/boletins-epidemiologicos> Acesso em: 30 de março de 2019.

BRASIL (2018). **Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Vigitel Brasil, 2017: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico.** Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2017_vigilancia_fatores_riscos.pdf Acesso em: 30 de março de 2019.

_____. (2018). Presidência da República. **LEI Nº 13.664, DE 14 DE MAIO DE 2018.** Brasília, 14 de maio de 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13664.htm. Acesso em: 06 de maio de 2019.

COUTINHO, K. D.; FREITAS, A. **A invenção de chacinas escolares: das representações psi às rotas de fuga.** Educ. Real. Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 303-323, Mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?> Acesso em: 06 de maio de 2019.

CROCHIK, J.L. **Fatores psicológicos e sociais associados ao Bullying.** Rev. psicol. polít. vol.12 no.24 São Paulo ago. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000200003 Acesso em: 06 de junho de 2019.

CÚNICO, S.D; FARAJ, .P; ARPINI, D.M; VASCONCELLOS, S.J.L. **Dinâmica familiar violência a partir da análise do filme Precisamos falar sobre Kevin.** Gerais, Rev. Interinst. Psicol. vol.7 no.2 Juiz de fora dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202014000200004 Acesso em: 06 de maio de 2019.

DAEMON, F. **Entre os muros e as mídias: o bullying e o school shooting numa perspectiva comunicacional.** Rev. Epos [online]. 2015, vol.6, n.2, pp. 06-26. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2178700X2015000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 de maio de 2019.

ESPERON, P.S.M. (2004). **Bullying- comportamento agressivo entre colegas no ambiente**

escolar. Revista *Pediatria Moderna (São Paulo)* 2004, 60(2): 67-76 Disponível em: www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=2603&fase=imprime. Acesso em: 30 de março de 2019.

FREIRE, I.P; FERREIRA, A.S; SIMÃO, A.M. (2006). **O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico.** Revista *Portuguesa de Educação*, 19 (2). Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872006000200008. Acesso em: 16 de abril de 2019.

FREIRE, A.N; AIRES, J.S. **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying***. *Psicol. Esc. Educ.* vol.16 no.1 Maringá Jan./June 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100006. Acesso em: 06 de junho de 2019.

GALVÃO, T.F; PEREIRA, M.G. (2014) **Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração**. *Epidemiol. Serv. Saúde* v.23 n.1 Brasília mar. 2014 Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018

Acesso em: 16 de abril de 2019.

GRATH,, M.C, MARY, J. **Bullying escolar: Ferramentas para evitar danos e responsabilidade**. (2007). Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/viewFile/830/730>. Acesso em: 30 de março de 2019.

GURSKI, R. **Massacres juvenis e paixão pelo real: o império do sentido e a discussão sobre os impasses do adolecer na atualidade**. *Rev. psicol. polít.* vol.10 no.19 São Paulo jan. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100011 Acesso em: 06 de maio de 2019.

HANSEN, A.P.; MARCUSSEN, N.S.; KLIT, H.; ANDERSON, G.; FINNERUP, N.B.;

JENSEN, T.S. **Pain following stroke: A prospective study**. *Volume16, Issue8*. September 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/j.1532-2149.2012.00123.x>. Acesso em: 01 de abril de 2019.

KATZ, J. (2017). **Uma teoria dos massacres íntimos: passos para uma explicação causal**”. **Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury**. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 46, p. 24-44. Disponível em:

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/KatzKouryArtTrad.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2019.

KUCZYNSKI, E. **Suicídio na infância e adolescência**. *Psicologia USP*. 2014. volume 25. número 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0246.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2019.

LE MOS, A.; COLLEN, N.; TEIXEIRA, M. **Lei do Bullying: instruindo jovens e adolescentes no combate ao Bullying nas escolas**. Conselho Regional de Biologia, 2018.

LISBOA, C.; BRAGA, L.L, EBERT, G. (2009). **O fenômeno Bullying ou vitimização entre pares na atualidade**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000100007 Acesso em: 17 de abril de 2019

LOPES, A.J. **Considerações sobre o massacre de Realengo**. *Estud. psicanal.* n.º.37 Belo Horizonte jul. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100003. Acesso em: 06 de maio de 2019.

MALTA, D. C.; PRADO, R.R.; DIAS, A.J.R.; MELLO, F.CM.; SILVA, M.A.I.; COSTA, M.R.; CAIFFA, W.T. **Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa**

Nacional de Saúde do Escolar. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. Vol.17, p.131-145, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v17s1/pt_1415-790X-rbepid-17-s1-00131.pdf. Acesso em: 23 de abril de 2019.

MENEGOTTO, L.M.O; PASINI, A.I; LEVANDOWSKI, G. **O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos.** *Psicol. teor. prat.* vol.15 no.2 São Paulo ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200016. Acesso em: 06 de maio de 2019.

NETO, L.; ARAMIS, A. **Bullying comportamento agressivo entre estudantes.** *Jornal de Pediatria - Vol. 81, N°5(Supl)*, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 30 de março de 2019.

Organização Mundial de Saúde. (2000). **Prevenção do suicídio: Manual para professores e educadores.** Genebra. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_phc_port.pdf. Acesso em: 23 de abril de 2019.

Organização Mundial de Saúde. (2012). **Saúde Pública Ação para a Prevenção do Suicídio: uma estrutura.** Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/07/documento-suic%C3%ADdio-traduzido.pdf> Acesso em: 22 de abril de 2019.

PATON, N. **Mídias participativas e violências extremas: uma etnografia on-line dos tiroteios em escolas.** *Rev. bras. Ci. Soc.* vol.32 no.94, São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200703. Acesso em: 06 de maio de 2019.

PICADO, L. (2009). **Bullying em contexto escolar.** Psicologia. Pt. Disponível em: Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0575.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

PINHEIRO, F. M. F.; WILLIAMS, L. C. A. **Violência intrafamiliar e envolvimento em Bullying no ensino fundamental.** *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 138, p. 995-1018, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3201?show=full>. Acesso em: 01.Abril. de abril de 2019.

RODRIGUES, G.C. **O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais.** Ponto-e-vírgula, 11: 10-21, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n71/n71a02.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2019.

ROLIM, M. (2008). **Bullying: o pesadelo da escola – um estudo de caso e notas sobre o que fazer.** Repositório Digital. UFRGS. Rio Grande do Sul. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14951>. Acesso em: 30 de março de 2019.

SILVA, M.V.; VINHA, T.P. **Bullying na escola: um reflexo sobre suas características.** Campinas, SP, Brasil, 2011.

SANTOS, M.M; KIENEN, N. **Características do bullying na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental.** *Temas psicol.* vol.22 no.1 Ribeirão Preto abr. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100013. Acesso em: 06 de maio de 2019.

TEIXEIRA, C.M.F.S. **A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes – relato de experiência.** X Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação da UFG, de 27 a 28 de agosto de 2001 – Goiânia. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/download/1509/1496/>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

TOKARNIA, M. **Um em cada dez estudantes no Brasil é vítima frequente de bullying.** Agência Brasil. Abril de 2017. Brasília. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/um-em-cada-dez-estudantes-no-brasil-e-vitima-frequente-de-bullying>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

VIEIRA, T.M; MENDES, F.D.C; GUIMARÃES, L.C. **De columbine à virginia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000300021. Acesso em: 06 de maio de 2019.

VINHA, T. P; MORAIS, A; TOGNETTA, R.P; AZZI, R.G; ARAGÃO, A.M.F; MARQUES, C.A.E; SILVA, L.M.F; MORO, A; VIVALDI, F.M.C; RAMOS, A.M; OLIVEIRA, M.T.A; BOZZA, T.C.L. **O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas.** *Est. Aval. Educ., São Paulo*, v. 27, n. 64, p. 96-127, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/ea/article/view/3747/3157>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

WHO. (2017). **World Health Statistics 2017: Monitoring health for the SDGs.** Disponível em: http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/. Acesso em: 31 de março de 2019.

WOODWARD, M. **Epidemiology – Study design and data analysis.** Boca Raton: Taylor & Francis Group, 2014.

ZAINE, I.; REIS, M.J.D.; PADOVANI, R.C. **Comportamentos de bullying e conflito com a lei.** *Estud. psicol. (Campinas), Campinas*, v. 27, n. 3, p. 375-382, Sept. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2010000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 de maio de 2019.